

Solução só com dinheiro novo

Washington — O presidente do Banco Mundial (Bird), Barber Conable, acha que é essencial haver um crescimento no fluxo de dinheiro novo em direção aos países em desenvolvimento, para que eles possam solucionar o problema da dívida externa. Pelos seus cálculos, daqui por diante será preciso repassar cerca de US\$ 17 bilhões líquidos por ano a esses devedores, para que a recuperação seja real. Por isso, em sua opinião, tanto o Bird quanto o Fundo Monetário Internacional devem liderar um movimento de natureza política para convencer os credores a desembolsar novos créditos.

"Nós precisamos conversar sobre a mobilização de apoio político para restaurar o fluxo de recursos financeiros para os países em desenvolvimento. Precisamos esclarecer — aos órgãos públicos, ao parlamentos e ao setor privado — porque isso é um passo vital a ser dado, e para mostrar também que é de interesse deles mesmo que isso venha a ser feito", diz um documento confidencial escrito por Conable, e enviado ontem ao comitê de desenvolvimento do FMI.

"Restaurar os fluxos financeiros a níveis mais adequados", adverte ele, "vai demandar uma disposição maior de todos os envolvidos".

O texto de Conable, obtido pela Agência Globo, ocupa 19 páginas. Ele contém uma ampla avaliação da situação atual, notando que os desembolsos dos bancos comerciais diminuíram cerca de 20% ao ano entre 1980 e 1986. E, além disso, registra a receita do presidente do Bird para se enfrentar o problema da dívida com eficiência. Uma de suas idéias é a da simples redução desse débito: "Se o volume de em-

préstimos diretos não for compatível com os objetivos de crescimento dos países que vem executando programas de ajustes, a diferença terá de ser coberta pela redução do serviço da dívida", afirma Conable.

"Mesmo naqueles países em que a solução do problema da dívida baseada no fluxo de dinheiro novo parece hoje viável, a redução do débito seria útil, particularmente para facilitar a saída dos bancos pequenos — e em especial se os débitos adequadamente de dinheiro fresco deixarem de se materializar", diz o presidente do Bird. "Com relação a isso, o Banco Mundial pode ter um papel maior, facilitando essa redução através de técnicas baseadas no mercado. Já estamos, hoje, analisando várias possibilidades nesse sentido", acrescenta ele.

Em sua opinião, os devedores devem manter uma taxa de crescimento de pelo menos 4% a 5% para conseguir uma expansão econômica e, ao mesmo tempo, recuperar a sua credibilidade. Os atuais "superavits", segundo ele, são uma espécie de miragem — já que são produzidos através de efeitos enganadores: "A geração de 'superavits' comerciais nesses países ainda está sendo obtida principalmente através da supressão das importações", afirma o presidente do Banco Mundial.

Apoio

Conable lembra, ainda, que desde 1982 — o início da crise da dívida — o Banco Mundial tem sido a maior fonte individual de dinheiro novo para os devedores. Os empréstimos, de fato, duplicaram nos últimos quatro anos. Eles saltaram de US\$ 2,8 bilhões no ano passado, como ele esclarece.

Reuters



Mailson, ao lado de Marcílio, confia em empréstimo japonês